

**DANIELE NASCIMENTO RODRIGUES**



**PINTURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**  
**EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS, DESCOBERTAS E EXPLORAÇÃO DE TÉCNICAS**  
**A PARTIR DA PRODUÇÃO DE TINTAS NATURAIS**

Conselheiro Lafaiete

2013

**DANIELE NASCIMENTO RODRIGUES**

**PINTURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL  
EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS, DESCOBERTAS E EXPLORAÇÃO DE TÉCNICAS  
A PARTIR DA PRODUÇÃO DE TINTAS NATURAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Maria Luiza Dias Viana

Conselheiro Lafaiete

2013

DANIELE NASCIMENTO RODRIGUES

PINTURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

Experiências artísticas, descobertas e exploração de técnicas a partir da produção de tintas naturais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

---

Orientadora: Maria Luiza Dias Viana – EBA/UFMG

---

Professora: Sara Moreno - EBA/UFMG

Conselheiro Lafaiete  
2013

Dedico este estudo a todos os professores que reconhecem a arte como fonte inesgotável de conhecimento e transformação; aos meus alunos que mergulharam junto comigo nesta experiência maravilhosa repleta de aprendizagens e emoções e à minha filha Alice, uma artista nata.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus em primeiro lugar por me iluminar nas escolhas e palavras; ao meu esposo Fábio e a minha filha Alice pelo carinho e paciência; à minha mãe que sempre confiou em mim e sempre me inspirou com suas belas palavras; aos meus irmãos Denis e Patrícia e ao meu sobrinho João Lucas por me escutarem incansavelmente e aos funcionários do Centro de Referência Municipal em Educação Infantil "Vereador Juquita Vieira" em especial a minha coordenadora Aline e as amigas Edneia e Pâmella pela confiança e apoio na realização deste trabalho. Agradeço também às tutoras Letícia, Marcella, Tatiana e Aline e à minha orientadora Maria Luiza Dias Viana.

*“Apenas um ensino criador, que favoreça a integração entre a aprendizagem racional e estética dos alunos, poderá contribuir para o exercício conjunto complementar da razão e do sonho, no qual conhecer é também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar duro, esforçar-se, alegrar-se com as descobertas.”(Parâmetros Curriculares Nacionais)*

## RESUMO

O presente estudo teve como finalidade apresentar uma experiência com pintura na Educação Infantil a partir da descoberta e da exploração de técnicas obtidas com elementos naturais. Apresenta também uma breve reflexão sobre a pintura, sua importância histórica, cultural e no meio educacional. O trabalho foi norteado pelo relato de uma experiência vivenciada com crianças do Centro de Referência em Educação Infantil “Vereador Juquita Vieira” do município de Conselheiro Lafaiete e o ensino das Artes Visuais.

**Palavras-Chave:** Pintura – Educação Infantil - Tintas Naturais - Artes Visuais.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....                          | 8  |
| 1. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE PINTURA .....  | 10 |
| 2. O FAZER ARTÍSTICO NA SALA DE AULA..... | 14 |
| 3. OS CAMINHOS DA ARTE PELA EDUCAÇÃO..... | 33 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                | 40 |
| REFERÊNCIAS.....                          | 42 |
| ANEXOS .....                              | 43 |



## INTRODUÇÃO

O estudo presente teve como objetivo analisar a importância da pintura na sala de aula como potencializada à de conhecimentos. Concretizou-se a partir das experiências artísticas que se iniciaram com a produção de tintas e a aplicação destas em suportes na busca por técnicas de pintura com a utilização de elementos naturais, escolhidas de acordo com a capacidade cognitiva e motora das crianças de três e quatro anos de uma turma do Centro de Referência Municipal em Educação Infantil “Vereador Juquita Vieira”, da cidade de Conselheiro Lafaiete – MG.

A escolha da pintura como foco deste estudo se deu a partir do momento, em que constatei que a turma de maternal II em que atuo apresentava uma preferência por esta modalidade, demonstrando sempre uma satisfação em realizá-la, porém de maneira desordenada, sem embasamento e orientação devida.

Procurei então, realizar com a turma, atividades em arte de maneira contextualizada e significativa.

O tema proposto concentrou-se na produção de tintas por meio de pigmentos naturais encontrados no ambiente escolar, como hortaliças e leguminosas provenientes de uma horta, e de temperos obtidos na cantina e terras de cores diferentes.

Realizou-se, também a partir de estudos de teóricos de autores como Arthur Efland, e professores como Lincoln Volpini e Lúcia Gouvêa Pimentel, mas também dos Parâmetros Curriculares Nacionais e do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil objetivando adquirir um embasamento consistente sobre como a pintura poderia ser mediada na sala de aula.

A etapa prática se iniciou com rodas de conversa com as crianças sobre o que imaginavam ser arte e pintura e as possibilidades de produção de tintas por meio de materiais presentes no dia a dia. Em seguida, buscamos as cores existentes na

natureza e suas misturas por meio de tintas guache. A primeira produção foi feita tendo como base folhas de couve, em seguida, foram produzidas outras cores a partir de materiais como cascas de abóbora, chuchu, canela e louro em pó, beterraba, terras, entre outros.

A escolha dos diferentes materiais partiu-se da curiosidade advinda das crianças em conhecer novas cores de tintas que elas poderiam produzir com elementos encontrados na escola que eram depois aplicados em suportes por meio de técnicas de pintura.

Ficou evidente como essas ações colocaram em ênfase elementos da arte como composição, cor, sensibilidade, criatividade e fruição estética.

Este estudo se dividiu em três capítulos tendo no primeiro uma breve leitura sobre a pintura, num contexto mais historicista, até a sua atuação no contexto escolar. No segundo capítulo focou-se no relato da prática realizada com os alunos, a partir do uso dos pigmentos naturais e o terceiro capítulo evidenciou sucintamente, a relação da arte com a educação através das Leis de Diretrizes e Bases da Educação, dos Parâmetros e Referenciais da educação básica.

Ficou constatado através deste estudo e das experiências realizadas que a arte é tão importante quanto às outras áreas curriculares do âmbito escolar, pois permite aos educandos desenvolver capacidades cognitivas mentais, emocionais e sociais que podem propiciar uma interação diferenciada com o mundo, com outro olhar.

## 1. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE PINTURA

A pintura é uma das modalidades das Artes Visuais mais exploradas na educação infantil. Envolve o uso das cores, texturas e leituras subjetivas.

Estimula a coordenação, a percepção visual através do aguçamento dos sentidos como também o aprimoramento da imaginação, o fortalecimento da criatividade e a possibilidade de fruição estética. Esta última, por sua vez, refere-se à “reflexão, conhecimento, emoção, sensação e ao prazer advindo da ação que a criança realiza ao se apropriar dos sentidos e emoções gerados no contato com as produções artísticas.” (RCNEI, Vol. 3, 1998, p. 89).

Considerando que é uma das mais antigas formas de expressão, que se manifesta na humanidade desde os primórdios de sua existência, tornou-se um instrumento de suma importância para a comunicação, expressão e registro das atividades e habilidades humanas.

Para o homem pré-histórico, anterior à escrita, A “arte” foi um meio de expressão gráfica: sinais deixados pela impressão de sua mão untada com argila, ossos gravados, desenhos traçados com a ajuda de um bastão umedecido em sangue ou tinta. (ASSIS, 2000, p.16.)

A partir disto, pode-se entender que foi neste mesmo período histórico que o homem desenvolveu as primeiras tintas denominadas primeiramente de têmperas para aprimorarem cada vez mais sua forma de se comunicar.

Estes produtos eram obtidos pela mistura de pigmentos naturais com diversos tipos de gorduras vegetais e animais.

A pintura foi uma das primeiras realizações expressivas do ser humano. Valendo-se de superfícies parietais, pedras e couros como suporte para essa expressão, os humanos pré-históricos desenvolveram as primeiras tintas- as chamadas têmperas- a partir de pigmentos naturais (minerais, vegetais e animais), adicionados a diversos tipos de gorduras animais e vegetais, óleos e resinas. É, praticamente, o mesmo processo - o de “temperar” (isto é, misturar) - que a pesquisa e a indústria passaram a utilizar, a partir da segunda metade do século XX, na fabricação de diversas tintas. (VOLPINI, 2009, p.33)

A pintura manteve-se, portanto, ao longo dos séculos, seja como um meio de comunicação, como decoração e como uma forma de manifestação e expressão representando realidades culturais e sentimentos.

A pintura permite aos sentimentos fluírem, de forma que ações cotidianas e personagens sejam representadas partindo-se do olhar do artista ou do próprio aluno que a executa em uma aula de Arte construtiva, para isso é necessário combinar texturas, cores, redimensionar imagens entre outros aspectos para se chegar ao produto final.

Evidenciando este aspecto, pode-se considerar pertinente a construção de conhecimentos que esta modalidade das artes visuais propicia. Para Volpini (2009, p. 34), “a pintura abstrai formas da realidade e, adaptando-as, de acordo com as intenções do pintor e do artista e os materiais e técnica(s) que este utiliza”.

Considerando então, este e outros fatores como a facilidade com que seus materiais são obtidos, é que se faz tão necessário que as Artes Visuais e especificamente a pintura, seja propiciada no contexto escolar da educação infantil de maneira significativa e prática.

Um conhecimento tão significativo das artes deve estar mais à disposição das escolas e dos currículos escolares, desde a Educação Infantil.

As tintas naturais, por serem produzidas artesanalmente, podem ser feitas pelo professor junto aos seus alunos com o uso de pigmentos naturais como urucum e pó de café, misturadas à cola branca, água e talco, este último é para “incorporar” melhor a tinta. Lincoln Volpini (2009) confirma que as tintas:

[...] podem ser elaboradas artesanalmente a partir de seu elemento básico, as resinas acrílicas ou as resinas polivinílicas, a popular cola branca. Sua composição inclui ainda o emprego de cargas ou espessantes, ou seja, um material neutro para dar corpo às tintas, como o talco, o pó de mármore, a areia superfina, o feldspato, os diversos argilitos ou, também, material já sintético, como o gel acrílico transparente. A cor advém dos pigmentos desejados, que podem ser à base de terras, argilas, argilitos, corantes naturais (anil,

café, urucum, jenipapo, betume etc.), óxidos e corantes minerais, além dos sintéticos, já disponíveis em comércio. (VOLPINI, 2009, p.33)

Já os suportes podem ser representados por papelões, cartões, madeiras, paredes, entre outros e eles devem estar previamente preparados com uma camada de tinta acrílica branca como base.

Entretanto, tantas informações assim podem ser disponibilizadas para as crianças mesmo as pequenas de modo que estejam relacionadas com suas próprias realidades e demandas específicas e por meio de linguagem adequada a cada faixa etária, pois a experimentação é algo próprio da natureza infantil, cabe, portanto, ao professor mediar estas ações, através de técnicas acessíveis à idade das crianças, elaborando atividades que promovam aprendizados legítimos em arte.

O professor que assume esse papel deve encará-lo de frente inteirando-se de forma correta sobre o assunto buscando sempre inovar suas ações e criar nos alunos expectativas para novos conhecimentos em arte.

Lúcia Gouvêa Pimentel coloca que:

Coordenar nossas ações e emoções, construindo identidades e subjetividades é tarefa do cotidiano. Fazer isso quando se ensina/aprende arte é tarefa mais complexa, desafiadora e nem sempre aparentemente sensata. Conhecer os vários métodos e construir metodologias adequadas cada situação é tarefa de extrema importância. (2009, p. 26)

A pintura assim como a colagem e o desenho, precisa conquistar espaço legítimo nas salas de aula da Educação Infantil, pois permitem o desenvolvimento do conhecimento de maneira significativa.

As diferentes formas de sua realização permitem ao expectador e ao artista fluir sua leitura imaginária. No âmbito educacional as diferentes modalidades das artes visuais permitem aos educandos desenvolver os aspectos mentais e emocionais de maneira construtiva.

Deveria ser assegurado às crianças de todas as escolas, o direito de ter o contato com a arte em suas diferentes linguagens como a pintura.

A criança [...] nunca toma a pintura como uma atividade externa a ela e, a menos que esteja sendo coibida ou pressionada de alguma maneira, ela pinta como se deve pintar como os grandes artistas desejavam aprender, respondendo com toda a liberdade aos seus anseios e às suas necessidades de expressão. (MADEIRA, 2000, p. 15)

Cabe ao professor escolher metodologias para colocar em prática suas ações aguçando nos alunos o interesse por novas formas de arte e ampliando sua visão de mundo.

Variadas são as técnicas de pintura que podem ser trabalhadas na educação infantil a exemplo o gotejamento que consiste na pintura de formas inesperadas como exemplo o trabalho do artista Paul Jackson (1912 - 1956) que:

[...] foi um pintor americano muito famoso e ousado para sua época. Suas obras ficaram famosas não só pela originalidade e beleza, mas também pelas técnicas de pinturas desenvolvidas pelo artista. Ao invés de pincéis e cavaletes, Pollock utilizava grandes telas sobre o chão, pintava sobre várias dimensões utilizando movimentos corporais e instrumentos inusitados. A técnica mais conhecida do artista é a do gotejamento. (RAMALHO, 2012, p. 1)

Há também técnicas de pintura que se realizam por instrumentos diferentes como barbantes, pedaços de papelões e esponjas. Muitas outras existem com a finalidade de se encontrar novas texturas formas e desenhos que estimulam em muito a imaginação e a criatividade, pois geralmente as formas encontradas são um convite para variadas interpretações.

Maristher Motta Bello confirma este fato ao dizer que a “arte é como uma brincadeira da imaginação. O artista brinca com o barro, tinta, lápis e a emoção faz desenhos, pinturas, esculturas, imagens que às vezes, mostram as coisas bem como elas são. Outras vezes, não!”.

A arte contém-se conteúdos primordiais para serem explorados, uma vez que atualmente muitas são as abordagens teóricas que servem como uma base para a atuação dos professores e que lhes garantem o processo ensino aprendizagem consistente, bastando somente, colocá-las em prática.

## 2. O FAZER ARTÍSTICO NA SALA DE AULA

Entender a pintura dentro do campo das artes visuais em que se realiza a aplicação de tintas sobre diversas superfícies previamente preparadas, não é difícil.

No entanto, quando há a possibilidade de se aprofundar e compreender que esta ação implica em muitas outras, dentre elas o desenvolvimento da sensibilidade e da imaginação, por exemplo, nos leva a crer que a pintura na educação infantil deve ser realizada de maneira aprofundada e significativa favorecendo então, o desenvolvimento dos aspectos mental, social e emocional essenciais ao crescimento das crianças.

Através da utilização de formas, ritmos, linguagens e diversos elementos, a arte se torna um veículo da expressão do pensar, do sentir. Todo desenho, rabisco e obra artística elaborada pela criança têm sua importância devido à significação e a importância que ela dá. (DIVERSIDADE EDUCACIONAL NA ERA DIGITAL, 2011).

Portanto, o estudo em questão sobre a pintura na educação infantil e o desenvolvimento dos aspectos acima citados através da produção de tintas naturais, foi realizado de maneira prática com a turma de maternal II em que atuo com objetivo de verificar e conviver de perto com essas possibilidades a partir das experiências vividas.

O trabalho foi desenvolvido com crianças de três e quatro anos do Centro de Referência Municipal em Educação Infantil “Vereador Juquita Vieira”, escola do setor público da cidade de Conselheiro Lafaiete – MG.

Foram realizadas rodas de conversa sobre o que é arte, pintura, tinta industrial e tinta natural, e também aulas práticas com a produção de tintas naturais juntamente com as crianças.

Estas ações envolveram a busca por pigmentos naturais em diversos locais da instituição; como terras, folhas, legumes e temperos da cantina até a produção

artesanal de tintas. Isso tudo com objetivo de levar as crianças à construção de conhecimentos através da produção de tintas com elementos do nosso cotidiano.

Para iniciarmos de forma bem significativa e contextualizada a nossa atividade foi primeiramente, proposto um exercício com as cores primárias através de tintas guaches e papel cartão, materiais disponíveis na escola.

Essas ações tinham como objetivo o trabalho com as cores que podemos encontrar na natureza e que também poderiam ser formadas pelas misturas de tintas industrializadas.

As crianças então, com meu auxílio, passaram nas mãos duas cores primárias de guache e depois as misturaram surgindo assim, uma cor secundária que foi aplicada logo em seguida, no papel, dando então, uma noção concreta e simplificada do processo de obtenção das cores pela mistura. Confirmando este fato Volpini (2009, p.34) coloca que “pintura vem a ser, a priori, a aplicação de tintas, de diversas origens e composições, sobre qualquer superfície ou suporte”.

Estas ações foram marcadas por momentos de grande concentração, aprendizagem como também alegria, uma vez que as crianças criavam uma expectativa na busca de uma nova cor ao misturá-las e se sentiam bem entusiasmadas com os resultados.

As maiores manifestações se deram com a “descoberta” das cores rosa, laranja e verde. Foi claramente percebido que a criatividade e os sentidos estavam sendo estimulados, pois as crianças demonstravam sugestões a respeito de algumas cores que poderiam ser formadas e interesse em realizar as experiências artísticas com as misturas das cores.

Nas expressões artísticas de cada criança são externalizados os sentimentos, as emoções, as expectativas e os anseios ao mesmo tempo em que se estabelecem novas reflexões com a realidade em que se está vivenciando. Essa interação com o meio e ao mesmo tempo com o outro ocasiona experiências significativas no desenvolvimento afetivo, cognitivo, psíquico e de socialização na vida de nossos educandos. (DIVERSIDADE EDUCACIONAL NA ERA DIGITAL, 2011).



Este processo com a tinta guache teve uma duração de três dias, uma vez que procuramos encontrar diferentes tons de verde e marrom e que futuramente serviu como comparação das tintas naturais que produzimos.



**Figura 1 – Pintura com tinta guache.  
Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 2 – Pintura com tinta guache.  
Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**

Após essa experiência, foi proposta uma primeira produção de tinta natural. O material escolhido foram folhas de couve provenientes da horta da escola que estes próprios alunos mantêm através da sua manutenção e do plantio de novas mudas e que nos forneceu outros produtos como a cenoura e a beterraba para as futuras experiências. Essas não estavam boas para o consumo, pois haviam sido quebradas e murcharam.

Em um primeiro momento, as crianças trabalharam a sensibilidade através dos sentidos do tato e do olfato. Elas tocaram nas folhas para perceberem sua textura, seu cheiro, fato este, que levou também à imaginação, pois iniciaram diferentes relatos através das sensações vivenciadas, alcançando assim, uma resposta a um dos objetivos propostos que era o de demonstrar o estímulo que esses materiais proporcionam para o desenvolvimento da sensibilidade.

Logo em seguida, as crianças picaram as folhas misturando-as com a água e a cola comum. O pigmento verde das folhas foi aos poucos se formando, até que surgisse uma tinta de cor verde clara.

Para continuarmos esta primeira experiência com tinta natural, as crianças fizeram uma pintura em uma folha branca utilizando-se com a própria tinta que eles produziram, conforme pode ser observado nas fotos 3 a 6, a seguir.



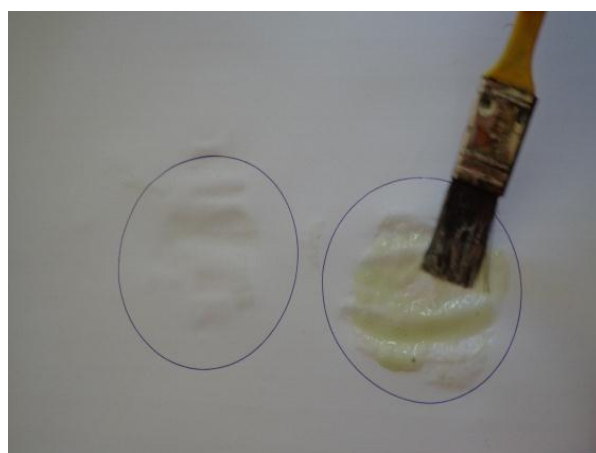
**Figura 3 – Atividade com folha de couve.  
Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 4 – Atividade com folha de couve.  
Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 5 – Atividade com folha de couve.  
Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 6 – Atividade com folha de couve.  
Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**

Estas ações promoveram o desenvolvimento da criatividade, imaginação e sensibilidade, uma vez que as estimularam as crianças a produzirem novas cores a partir de outros materiais alcançando assim, um dos objetivos propostos e confirmando que quando a aprendizagem em arte é realizada de forma prática, contextualizada e significativa, a assimilação, as capacidades cognitivas são potencializadas.

O ensino da arte e o aprendizado por meio da arte nas escolas de ensino regular contribuem, portanto, para que a escola proporcione condições para que seus alunos se tornem sujeitos do seu conhecer, na interação com seu meio ambiente, para agir e transformar

continuamente sua realidade, pela sua inteligência (PROSSER, 2003, p.10).

As experiências então se prosseguiram. Aconteceu, no entanto, que uma das crianças percebeu que a cor verde encontrada tinha um tom claro. Aproveitando a observação, buscamos então, uma cor mais escura.

Ao invés de apenas misturarmos os materiais, estes sofreram um processo maior de envolvimento das crianças quando passamos a produzir as tintas no liquidificador. A cor encontrada foi sim, mais escura.

Após este primeiro contato, cada criança teve a oportunidade de colocar um dos produtos no liquidificador para serem misturados. A escolha deste tipo de processo foi devida à facilidade e agilidade que este instrumento proporciona, uma vez que, o tempo para a realização das atividades, não era muito extenso.

Com isso, pôde ser acrescentado ao conhecimento deles que as cores tem variedades de tons, pois através da comparação entre uma tinta e a outra, os alunos observaram que uma era mais clara e a outra mais escura.

Pôde-se constatar, portanto, que além do desenvolvimento das capacidades já citadas, a percepção visual também foi estimulada.

Os aspectos cognitivos das crianças também puderam ser explorados, uma vez que elas questionavam se, realmente, aquela ação implicaria na produção de uma tinta, ao questionarem que o uso do liquidificador não estava associado, ali, à produção de alimentos. Era interessante perceber como as experiências com a produção das tintas ampliavam a visão de mundo das crianças e confirmavam a importância do ensino de Artes visuais em suas diferentes dimensões de aprendizagem.

A arte promove a ampliação do conhecimento de mundo que possuem. A manipulação de diferentes objetos e materiais, a exploração de suas características, propriedades e possibilidades de manuseio e ao entrar em contato com formas diversas de expressão artística, como também a utilização de diversos materiais gráficos, plásticos, naturais e descartáveis sobre diferentes superfícies pode

ampliar suas possibilidades de expressão e comunicação. (DIVERSIDADE EDUCACIONAL NA ERA DIGITAL, 2011).

Esta primeira etapa realizou-se em uma semana. A segunda proposta se concentrou na descoberta da cor marrom em seus diferentes tons, uma vez que existe uma variedade de cor às terras presente na escola.

Encontramos tons claros e escuros. O processo de mistura aconteceu de uma maneira mais rápida e fácil. As terras foram peneiradas para que a tinta se apresentasse com uma textura mais uniforme.

Essas etapas também aconteceram com a grande participação das crianças. Elas permitiram-se sentir o cheiro da terra e diferenciavam cores. Algumas se sentiam receosas com as texturas apresentadas, outras tocavam de forma espontânea.

A cada etapa eram notáveis as respostas sensitivas às ações que realizávamos. O cheiro, a cor e a textura, ao serem percebidos favoreciam o desenvolvimento da sensibilidade por meio dos sentidos como também dos aspectos mentais relacionados à criatividade e a fruição estética. Neste momento, ficou muito evidente a vontade que as crianças vinham demonstrando em realizar as experiências artísticas, pois brincavam com o barro produzido com a terra em contato com a água e a cola, sem levar em consideração somente ao barro produzido em si, mas sim a tinta que ele se tornou.

Assim como na primeira, as tintas produzidas foram também, aplicadas sobre papéis brancos com a finalidade de se observar e perceber as diferentes tonalidades. Esta segunda produção realizou-se no tempo de uma semana e meia, confirmando que a pintura na educação infantil se faz necessária e importante, uma vez que propicia o desenvolvimento de aspectos tão relevantes nesta fase como a percepção visual e tátil através de diferentes cores e texturas.



**Figura 7 – Atividade de produção de tinta de terra. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 8 – Atividade de produção de tinta de terra. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 9 – Atividade de produção de tinta de terra. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 10 – Atividade de produção de tinta de terra. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 11 – Atividade de produção de tinta de terra. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**

As ações acima se fortaleciam à medida que novas experiências eram proporcionadas. Era perceptível o sentido que os alunos encontravam em realizar as atividades artísticas, elas sentiam-se importante fazendo o pensamento e a imaginação fluir.

Teoricamente, Arthur Efland (2005, p. 14) define que a arte é essencial no âmbito educacional, pois colocam em ação os fatores essenciais para que ocorra o conhecimento: o pensamento, a emoção e a vontade.

Pensamento é a capacidade cognitiva de tratar com conceitos e ideias, mas quando deixa de sê-lo, pode levar a uma abstração exangue de pensamentos mortos. O pensamento sem sentimento não pode levar às decisões morais porque os sentimentos ajudam a sensibilizá-lo para as consequências das ideias e ações. Além disso, o pensamento não acontece numa mente ociosa, mas é ele mesmo, um ato de vontade. Somando-se ao pensamento, a atividade cognitiva deve envolver a vontade bem como o sentimento. Os sentimentos também nos tornam capazes de lidar com a afeição e a aversão, simpatias e antipatias, acertos e erros. [...] É no campo do pensar sobre os sentimentos que a arte-educação tem o seu papel chave na educação. (EFLAND, 2005, p. 14)

Foi possível constatar e viver toda essa teoria na prática e a cada dia isto ficava mais visível.

Como terceira experiência, foi proposto realizar nas duas semanas seguintes, misturas com pigmentos naturais representados por temperos e sementes de urucum que dão origem ao colorau (cor vermelha), utilizado para colorir o macarrão; açafraão (cor amarelo) usado no arroz; café em pó, canela em pó e louro em pó, nas cores marrom e verde respectivamente para comparar com as cores as quais já havíamos produzido.

Propôs-se também realizar experimentos com legumes como cenoura, beterraba, chuchu e abóbora. As experiências realizadas com cascas de cenoura, chuchu e abóbora cedidas pela cantina da escola foram marcadas como momentos de grande exaltação da turma. Era perceptível a expressão de dúvida e questionamentos que eles demonstravam ao quererem confirmar se realmente aqueles produtos seriam capazes de produzir tintas.

Inicialmente, as crianças perceberam através do tato e do olfato, a textura e o cheiro presentes nas cascas e não hesitavam em colocar suas opiniões diante das mesmas: “Nossa, como é dura”; “Ai, que esquisito”; “Eu gostei”; entre outros.

As cores encontradas com as cascas de abóbora e cenoura trouxeram divergências entre as opiniões, pois algumas crianças consideraram que a cor encontrada era marrom claro e outra que era laranja. Deixei, no entanto, que as duas opiniões prevalecessem, pois foi gratificante perceber como eles se sentiam estimulados em demonstrar suas colocações diante do que assimilavam. Isto tudo tornava o nosso trabalho cada vez mais rico.

Para dar continuidade às propostas, aplicamos também às tintas produzidas, em folhas brancas de papel.



**Figura 12 – Tinta produzida com cascas de chuchu, cenoura e abóbora. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 13 – Tinta produzida com cascas de chuchu, cenoura e abóbora. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 14 – Tinta produzida com cascas de chuchu, cenoura e abóbora. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 15 – Tinta produzida com cascas de chuchu, cenoura e abóbora. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 16 – Tintas produzidas com as cascas dos legumes. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 17 – Tintas produzidas com as cascas dos legumes. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 18 – Crianças aplicam com pincel as tintas produzidas com as cascas dos legumes. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 19 – Crianças aplicam com pincel as tintas produzidas com as cascas dos legumes. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



Ocorreram também todas essas etapas com os temperos em pó. A cor que lhes chamou mais a atenção foi a amarela produzida com o açafrão. A cor obtida a partir do urucum causou dúvida entre as cores vermelho e laranja.



**Figura 20 – Produção de tinta com louro em pó. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 21 – Produção de tinta com louro em pó. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 22 – Produção de tinta com louro em pó. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 23 – Produção de tinta com louro em pó. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**

Todos esses questionamentos que as crianças levantavam eram observados como forma de aprendizagem, visto que confirmavam que os conhecimentos em arte mediados estavam sendo assimilados na busca de diferentes cores e composições. E as ações dos educandos acabavam por confirmar que a arte e, em especial a pintura na educação infantil, é precursora de conhecimento assim como as outras

modalidades propostas na educação infantil e que estas são sim, essenciais para o desenvolvimento integral do ser desde a sua infância. Segundo Efland (2005):

Ensinamos arte não meramente para capacitar crianças a fazerem quadros artisticamente, ou para determinar se um objeto é suficientemente bom para justificar a apreciação e o reconhecimento, mas para capacitar os estudantes a penetrar na essência de uma obra de arte. A compreensão é atingida através da interpretação de tais obras, onde a obra é vista em relação ao contexto em que está situada. Isso é possível porque uma obra de arte é sempre a respeito de alguma outra coisa que a arte. A capacidade para fazer determinações e julgamentos provavelmente não emergirá se as crianças forem deixadas de fora desses dispositivos. Levantam-se quando o ensino intencionalmente os deixa de fora no desenvolvimento do poder da mente, incluindo a imaginação, através da criação e interpretação reflexiva. Isso é o que de melhor a arte-educação pode prover, e é minha crença que as compreensões cultivadas através do estudo da arte sejam formas de deliberação que podem preparar as fundações para uma liberdade cultural e uma ação social. (EFLAND, 2005, p. 16)

Após as experiências com diferentes materiais na produção das tintas, foram realizadas com as crianças formas variadas de se aplicar as tintas produzidas sobre folhas brancas e também papelões brancos, uma vez que até então, elas haviam aplicado as tintas produzidas somente com o auxílio de um pincel ou com as próprias mãos. Foi proposto então que as crianças aplicassem-na sobre tais suportes através de diferentes instrumentos. O Referencial Curricular Nacional (Vol. 3, 1998, p. 98) sugere:

[...] que sejam apresentadas atividades variadas que trabalhem uma mesma informação de diversas formas. Pode-se, por exemplo, eger um instrumento, como o pincel, para as crianças que já manejem este instrumento, e usá-lo sobre diferentes superfícies (papel liso, rugado, lixa, argila etc.) ou mesmo um meio, como a tinta, por exemplo, em diversas situações (soprada em canudo, com esponjas, com carimbo etc.). (RCNEI, 1998, p. 98)

Os alunos fizeram uma pintura livre sobre um suporte de papelão branco com o auxílio de esponjas realizando leves “batidas” sobre a superfície. A escolha desta se deu pela facilidade deste material ser encontrado na escola e por promover diferentes texturas e formas após a secagem. Durante a realização todos se sentiram bem dispostos e empolgados. Alguns relataram que a sensação era boa, para outros, “estranha” porque a esponja se encharcava com a tinta.



**Figura 24 – Aplicação da tinta com esponja. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 25 – Aplicação da tinta com esponja. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**

Após a pintura, os exercícios artísticos no papelão, ficaram expostos na sala para a apreciação das crianças. Estas se mostraram bem satisfeitas e importantes com a ideia de construírem seus próprios quadros de pintura enfatizando princípios do ensino das artes visuais na escola. De acordo com o RCNEI (1998) são eles:

O desenvolvimento da imaginação criadora da expressão, da sensibilidade e das capacidades estéticas das crianças poderão ocorrer no fazer artístico [...]. O desenvolvimento da capacidade artística e criativa deve estar apoiado, também, na prática reflexiva das crianças ao aprender, que articula a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição e a imaginação. (RCNEI, 1998, p.89)

As tintas escolhidas para essas técnicas foram feitas com canela e corante em pó e utilizamos como alternativa e uma nova sugestão gelatina em pó na cor verde, pois esta é comum ao lanche das crianças e considerei cabível esta contextualização.

Para a realização da segunda técnica foi escolhido como instrumento o barbante e a tinta produzida teve como base a terra encontrada na escola em dois tons de marrom um mais claro e um mais escuro. As crianças a produziram sozinhas somente acompanhando as minhas orientações e ao aplicarem a tinta formada no papel por intermédio deste novo instrumento, alguns relataram que os movimentos que este fazia junto à tinta formavam “minhocas”.



**Figura 26 – Aplicação com barbante da tinta produzida com terra. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 27 – Aplicação com barbante da tinta produzida com terra. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**

A partir dessas ações pude constatar como se sentiam felizes com a realização desses momentos de arte e como os sentidos estavam se aguçando. Elas se manifestavam dizendo qual cor iria se formar; comentavam sobre o cheiro e até “imaginavam” como seria o paladar, mas não ousavam em colocar na boca, pois já haviam se conscientizado que se tratava de uma tinta e não de um alimento. O mais interessante é que todos manifestavam uma vontade satisfatória em realizar essas atividades e perguntavam quando iria acontecer novamente. Segundo o RCNEI (Vol. 3, 1998, p. 89), “as crianças exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências. A partir daí constroem significações sobre como se faz, o que é, para que serve e sobre outros conhecimentos a respeito da arte”.

Portanto, cada experiência tornava-se para as crianças um momento de se conhecer mais pela exploração dos sentidos como também pela reflexão que possa proporcionar.

Dando então continuidade às técnicas, o instrumento seguinte, foi representado por tiras retangulares de papelão em que os alunos aplicaram a tinta sobre cartolina branca. A tinta produzida também pelas crianças foi baseada no colorau, açafraão e louro em pó. Elas apresentaram uma dificuldade maior em segurar o instrumento escolhido formando movimentos ondulares, mas como um dos objetivos de experimentar novos instrumentos e sensações. Segundo o RCNEI (1998):

Para que as crianças possam criar suas produções, é preciso que o professor ofereça oportunidades diversas para que elas se familiarizem com alguns procedimentos ligados aos materiais utilizados, aos diversos tipos de suporte e para que possam refletir sobre os resultados obtidos. (RCNEI, Vol. 3, 1998, p. 100).

Estas últimas produções ficaram também expostas na sala para a apreciação de todos o que resultou em elogios por parte das crianças e também por parte dos funcionários da escola, gerando uma valorização das crianças. Para o RCNEI (Vol. 3,1998, p. 105): “Produção, comunicação, exposição, valorização e reconhecimento formam um conjunto que alimenta a criança no seu desenvolvimento artístico”.



**Figura 28 – Aplicação das tintas de temperos com tiras de papelão. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 29 – Aplicação das tintas de temperos com tiras de papelão. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**



**Figura 30 – Aplicação das tintas de temperos com tiras de papelão Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**

Foi observado também que as tintas obtidas por colorau e louro em pó produzem texturas, principalmente.

É importante ressaltar que algumas técnicas utilizadas como o conta-gotas para a realização da técnica de gotejamento e uma peneira na busca de um novo efeito, na produção das tintas feitas com pó de café e beterraba. As crianças perceberam o cheiro gostoso do café e relataram como era legal fazer tinta com as hortaliças da nossa horta, neste caso a beterraba e como era bonita a cor formada pela por ela sendo diferente de todas as outras já produzidas.



Figura **3135** – Produção de tinta com beterraba. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues



Figura **3236** – Produção de tinta com beterraba. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues



Figura **3337** – Produção de tinta com beterraba. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues

Para finalizar, fizemos um painel artístico com cartolina branca em que as crianças utilizaram do espaço para pintar de forma livre usando as tintas naturais feitas com beterraba, açafão e louro em pó.



Figura [3434](#) – Produção de tinta com beterraba. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues



Figura [3532](#) – Produção de tinta com beterraba. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues



Figura [3633](#) – Produção de tinta com beterraba. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues



Figura [3734](#) – Produção de tinta com beterraba e aplicação com conta-gotas. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues



Figura 38 – Produção de painel com tintas produzidas com beterraba, açafão e louro



Figura 39 – Produção de painel com tintas produzidas com beterraba, açafão e louro



**em pó. Autora: Daniele Nascimento em pó. Autora: Daniele Nascimento Rodrigues**

O fato mais importante e que resultou no alcance dos objetivos foi o relato de duas alunas sobre as experiências vividas. O primeiro, de uma aluna que disse: “já estou tentando fazer tintas lá em casa.” Outro foi o de uma mãe, que contou toda feliz que durante o final de semana a filha (minha aluna) havia colhido flores e folhas no jardim e pediu que ela lhe emprestasse o liquidificador. A mãe sem entender perguntou-lhe para quê e ela respondeu-lhe dizendo: “Mãe eu quero fazer a tinta. Vou ter que então pedir a tia Dani para vir fazer comigo”.

Estes relatos confirmaram que o interesse pela arte e por produções artísticas estavam sim, aguçados. Percebi então, que quando a arte é mediada de forma significativa, propicia a construção de conhecimentos e promove o aprimoramento dos sentidos.

Para um trabalho efetivo com Artes Visuais, é necessário que o professor priorize e garanta segundo o Referencial Curricular Nacional (1998), o lúdico como o gerador do processo de produção que leve a arte como uma linguagem que constrói objetos repletos de sentidos e que a valorização do fazer artístico individual.

Não foi minha intenção que tais atividades ocorressem com o intuito de formar artistas, mas, que proporcionassem o contato das crianças com processos de arte e confirmando que, quanto antes este contato for permitido, melhores e mais possibilidades de aprendizagens poderão ser garantidas.

### 3. OS CAMINHOS DA ARTE PELA EDUCAÇÃO

A Arte, assim como as outras disciplinas, tem como função construir conhecimento, uma vez que possui conteúdos próprios. Não se pode permitir que Arte fosse reduzida a auxiliar o ensino de outras disciplinas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997) distinguem estas outras funções:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar as formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (PCNA, 1997, p. 19)

Quando o ser humano tem o contato com alguma forma ou obra de arte ou ainda com alguma linguagem artística, algo de diferente é despertado nele, isto se dá pelo seu caráter transformador e por proporcionar o desenvolvimento dos sentidos.

Este contato permite ao ser internalizar aquilo que ele viveu e sentiu para depois este mesmo ser extrair todo este sentimento em forma de construção de conhecimento e crescimento pessoal. De acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997):

A arte ensina que é possível transformar continuamente a existência que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (PCNA, 1997, p. 21)

É evidente que quando é permitida a uma criança ter um conhecimento verdadeiro com esta disciplina, sua forma de ver o mundo é resignificada.

Além da imaginação, da criatividade e da sensibilidade a arte envolve as capacidades cognitivas, uma vez que ela permite observar, conhecer e aprofundar em fatos por meio de diferentes ângulos e de forma flexível.

Negar a alguém o desenvolvimento de todas essas potencialidades significa colocá-lo abaixo de sua capacidade de ver as coisas e fatos por diferentes ângulos

buscando o melhor para todos. Este fato pode ser confirmado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997) que relata:

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida. (PCNA, 1997, p. 21)

Entretanto, para muitos, ainda se reduz ao momento do “deixar fazer”, ou do “aprender fazer fazendo”, ou ainda, ao descanso ou pausa entre as demais disciplinas. Este fato é resultado de visões equivocadas sobre suas funções e objetivos já citados aqui. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997) apontam para a perspectiva da Arte como área do conhecimento em que o processo de criação que a criança perpassa ao executar experiências artísticas é de suma importância, pois é através disso que seus potenciais e capacidades cognitivas vão sendo desenvolvidos e aprimorados. O produto final passa a ser somente a consequência desse processo. Estas ações enquadravam-se nos momentos revolucionários que o setor educacional passava a partir da década de 1920 através das perspectivas do movimento escola nova em que a criança era sujeito de construção do seu conhecimento.

A partir deste movimento professor passou a ser então, um mediador passivo, pois o que se valorizava era a livre expressão que desencadearia no desenvolvimento criador da criança. Estas colocações sobre o ensino de Arte foram impostas pelo movimento escola novista idealizado por estudiosos como o norte-americano John Dewey. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997):

O ensino de Arte volta-se para o desenvolvimento natural da criança, centrado no respeito às suas necessidades e aspirações, valorizando suas formas de expressão e de compreensão do mundo. As práticas pedagógicas, que eram diretivas, com ênfase na repetição de modelos e no professor, são redimensionadas, deslocando-se a ênfase para os processos de desenvolvimento do aluno e sua criação. (PCNA, 1997, p. 26)

Entretanto, esta nova visão sobre o ensino de Arte promove uma desvalorização de seu principal papel na educação que é, segundo Efland (2005), o de pensar através dos sentimentos.

A instrução sobre o ensino de Arte ficou a mercê da vontade e do sentimento de cada um sem uma contextualização e uma apreciação adequadas para a realização do fazer artístico. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997):

Pode-se dizer que nos anos 1970, do ponto de vista da arte, em seu ensino aprendizagem foram mantidas as decisões curriculares oriundas do ideário do início a meados do século 20 (marcadamente tradicional e escolanovista), com ênfase, respectivamente, na aprendizagem reprodutiva e no fazer expressivo dos alunos. (PCNA, 1997, p. 29)

À medida que os anos se passavam novas visões foram colocadas à cerca do assunto e da importância da Arte no currículo como disciplina atuante. “De maneira geral, entre os anos 70 e 80, [...] desenvolveu-se a crença de que bastavam propostas de atividades expressivas espontâneas para que os alunos conhecessem muito bem a música, artes plásticas, cênicas, dança etc.” (PCNA, 1997, p. 29).

Todavia é somente na década de 1990, com Lei de Diretrizes e Base da Educação, a Lei n. 9.394/96, que a Arte tem definido seu verdadeiro papel como disciplina do currículo tornando-se obrigatória na educação básica e ganhando mais força e mais consistência, diante de seus objetivos na construção de conhecimento. “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (art. 26, § 2º)”. (PCNA, 1997, p.30.).

A partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) colocam que a Arte se define como área do currículo com conteúdos próprios relacionados à cultura artística e não apenas como atividade. Surgiram então, novas tendências já se baseando nas perspectivas do século XXI para o seu ensino. Uma das propostas que mais se evidenciou e se mantém até os dias atuais é a Abordagem Triangular para o Ensino de Arte idealizada por Ana Mae Barbosa que:

Trata-se de estudos sobre a educação estética, a estética do cotidiano, complementando a formação artística dos alunos. Ressalta-se ainda o encaminhamento pedagógico-artístico que tem por premissa básica a integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica. (PCNA, 1997, p.31.)

A partir deste novo momento o arte-educador conquista papel um novo espaço no âmbito educacional garantido pela constatação de que:

[...] o desenvolvimento artístico é resultado de formas mais complexas de aprendizagem e, portanto não ocorre automaticamente à medida que a criança cresce, é tarefa do professor propiciar essa aprendizagem por meio da instrução. (PCNA, 1993, p.23)

O fazer artístico caracteriza-se pelo desafio de se construir o novo ou fazer uma releitura de algo existente. O artista, por meio dos seus sentimentos realiza suas obras de maneira que estas demonstrem a visão de mundo que lhe é perceptível, como também para que estas despertem novos olhares em que as aprecia De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997):

O artista desafia as coisas como é para revelar como poderiam ser segundo certo modo de significar o mundo que lhe é próprio. O conhecimento artístico realiza-se em momentos singulares, intraduzíveis, do artista ou do espectador com aquela obra particular, num instante particular. (PCNA, 1997, p. 37)

E ainda que a imaginação, criatividade e a sensibilidade sejam também importantes para outras áreas do conhecimento, é na Arte que elas ocupam lugar privilegiado de atuação, tornando-se flexíveis ao pensamento e aos sentimentos originando imagens e situações que não existem, mas que passam a existir, a partir da vontade do artista e de seu expectador. Para os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997, P. 41) “é essa capacidade de formar imagens que torna possível a evolução do homem e o desenvolvimento da criança; visualizar situações que não existem, mas podem vir a existir, abre o acesso a possibilidades que estão além da experiência imediata”.

É importante que o professor de Arte no ensino fundamental e médio e o professor de educação infantil tenham a consciência da seriedade que é ensiná-la. Não há mais como pensar que sua função no âmbito educacional tem como caráter descansar os alunos ou promover o lazer, ou ainda, enfeitar e ilustrar as festas escolares. O fazer artístico dentro do contexto escolar tem como prioridade promover nos educandos uma conquista de suas capacidades que até então eles não imaginavam ter buscando com isso, uma significação pessoal de mundo que lhe faz se sentir responsável por este. Isto porque segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997):

Ao fazer e conhecer arte o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso, desenvolvem potencialidades como percepção, observação, imaginação e sensibilidade que podem alicerçar a consciência do seu lugar no mundo e também contribuem inegavelmente para sua apreensão significativa dos conteúdos das outras disciplinas do currículo. (PCNA, 1997, p. 44)

Em todos os campos da educação básica, mas principalmente no campo da educação infantil a Arte é essencial uma vez que os pequenos seres estão em processo de formação tanto no aspecto físico quanto no mental, emocional e social, ela torna-se então uma aliada favorável para que este aconteça positivamente.

Ainda que pequenas, as crianças, são repletas de curiosidade, imaginação e criatividade e todas essas capacidades devem ser estimuladas de maneira a produzir o conhecimento de mundo, ampliando sua forma de agir e pensar.

Estabelecer um contato significativo com a arte em suas diferentes modalidades e linguagens implica na abertura de possibilidades de construção de conhecimentos. Para o Referencial Curricular Nacional

As atividades em artes plásticas que envolvem os mais diferentes tipos de materiais indicam às crianças as possibilidades de transformação, de reutilização e de construção de novos elementos, formas, texturas, etc. A relação que a criança pequena estabelece com os diferentes materiais se dão, no início, por meio da exploração sensorial e de sua utilização em diversas brincadeiras. (Vol. 3, 1998, p. 93):

É fato que, as Artes Visuais estão presentes na vida cotidiana dos seres desde a sua infância mesmo que ainda não tenha sido apresentada de maneira dirigida. A criança, por si só, experimenta realizar seus pequenos rabiscos formando garatujas, seus primeiros grafismos, que demonstram muito do que eles estão vivendo naquele momento.

As Artes Visuais estão presentes no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis. (RCNEI, Vol. 3, 1998, p. 85.).

Utilizando-se delas para se comunicar demonstrando seus anseios e necessidades por intermédio da pintura, colagem, entre outros tipos de linguagem visuais como também através das linhas traçadas, misturas de cores e das formas desenhadas, as crianças descrevem o mundo ao seu redor.

Mesmo sabendo desses aspectos relevantes que colocam a importância da arte neste estudo, como fundamental no planejamento nos currículos da educação infantil, ela é ainda, muito utilizada como um reforço de conteúdos dos outros eixos, tendo, portanto, o mero papel de facilitadora. “São comuns às práticas de colorir imagens feitas pelos adultos em folhas mimeografadas, como exercícios de coordenação motora para a fixação e memorização de letras e números”. (RCNEI, Vol. 3 1998, p. 87.)

Para que isso não aconteça, é de suma importância que o professor de educação infantil utilize-se desta disciplina mediando seus conteúdos de forma a promover nas crianças uma relação com a arte que lhes permitam apreciar obras de arte, técnicas de artes visuais e manifestações artísticas.

No processo de aprendizagem em Artes Visuais a criança traça um percurso de criação e construção individual que envolve escolhas, experiências pessoais, aprendizagens, relação com a natureza, motivação interna e/ou externa. (RCNEI, Vol. 3, 1998, p. 91.).

Contudo, felizmente, há instituições escolares que junto aos seus professores e demais constituintes, valorizam a Arte como disciplina de conhecimento e transformação do ser. Estas permitem que seus educandos tenham a oportunidade de entender o mundo com os olhos da cultura repleta de produções e manifestações artísticas. Seja esta por meio da apreciação ou da sua realização, o produto final é sempre o mesmo que é a de precursora da abertura de um mundo melhor em que todos se comunicam pela emoção e esta por sua vez permite ao ser conhecer-se, sentindo-se livre para manifestar-se e impor-se diante daquilo que o rodeia. Para Leda Botelho Martins Casasanta:

A educação, para ser transformadora precisa apoiar-se na emoção. Seja como consumidor da arte seja como autor, o aluno\_ merece viver intensamente emoções que o tornem mais completo e mais feliz. A escola, proporcionando-lhe essa oportunidade, envolve-se no movimento da sociedade moderna em direção a um agir mais criativo,

capaz de ampliar limites, produzindo o progresso da humanidade e a evolução da cultura. (2000, p. 4)

Portanto, conhecer deve ser então, algo maravilhoso e deveria ter como ponto de partida a vontade de aprender trazida pelas experiências significativas que são oferecidas ao ser humano desde a sua infância.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar o presente estudo e colocar em prática conteúdos do Curso de Especialização no Ensino de Artes Visuais relacionados à prática em sala de aula, percebi o quanto é importante conhecer e aperfeiçoar os conceitos e teorias das Artes Visuais antes de coloca-los em prática.

Quanto à prática realizada com as crianças era notável o crescimento das mesmas, diante de tudo que estavam vivendo, com relação ao fazer artístico que antes do Curso era realizado sem uma base teórica, sem proposição, sem contextualização e sem trazer, conhecimentos significativos.

Constatei ao longo das experiências, que quando as crianças se tornam sujeitas das suas ações, elas se sentem importantes e parte integrante do contexto em que vivem.

Os sentidos e sensações diante dos estímulos se aprimoraram, a criatividade e a imaginação tornaram-se mais atuantes e a fruição estética aconteceu na medida em que todos, sem exceção, realizaram as atividades envolvendo-se totalmente e apropriando-se da experiência artística de forma a adquirir conhecimento e crescimento.

O curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais da Escola de Belas Artes trouxe para mim, uma formação de qualidade no Ensino de Arte, uma vez que o processo de ensino-aprendizagem adquiridos basearam-se nos princípios da pedagogia construtivista e da abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, contribuindo com princípios relevantes para minha formação.

Considero que o professor comprometido com seus alunos e com o ensino de Arte em suas diferentes modalidades deve buscar sempre sua qualificação e aperfeiçoamento, de forma a oferecer aprendizagens significativas,

contextualizadas e fundamentadas para seus alunos, colocando como foco a mais importante função do Ensino de Artes que é a de construir conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

30 técnicas de pintura. 2012. Disponível em: <<http://www.educasempre.com/2012/03/30-tecnicas-de-pintura.html>>. Acesso em 30 out. 2013.

BELLO, Maristher Motta. *Educação infantil: artes*. Curitiba: Positivo, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte*/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASASANTA, Lêda Botelho. O Belo e o prazer no espaço da escola. Caderno da Amae - *Revista Arte e Movimento*. Belo Horizonte: Fundação da Amae para Educação e cultura. maio. 2000.

EFLAND, Arthur D. Cultura, sociedade, arte e educação num mundo pós-modernismo. In: GUINSBURG, Jacó; BARBOSA, Ana Mae (Org). *O pós-modernismo*. São Paulo, Perspectiva, 2005.

MADEIRA, Renata. A criança e a pintura - Relação muito especial. Caderno da Amae - *Revista Arte e Movimento*. Belo Horizonte: Fundação da Amae para Educação e cultura. maio. 2000.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. *Metodologias do Ensino de Artes Visuais: Método e Metodologia*. O ensino de Artes Visuais e o Uso de métodos. A construção de metodologia. Belo Horizonte: APL/EBA UFMG, 2009.

PROSSER, Elizabeth Seraphim. *Ensino de Artes*. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2003.

RAMALHO, Priscilla. John Dewey. O filósofo norte-americano defendia a democracia e a liberdade de pensamento como instrumentos para a manutenção emocional e intelectual das crianças. 2011. Disponível em: <<http://educarpara.crescer.abril.com.br/aprendizagem/john-dewey-307892.shtml>>. Acesso em: 26 maio 2013.

SANTOS, Joelma. A importância das Artes Visuais na Educação Infantil. 2011. Disponível em: <<http://diversidadeeducacionalnaeradigital.blogspot.com.br/2011/08/importancia-das-artes-visuais-na.html>>. Acesso em 18 nov. 2013.

VOLPINI, Linconl. *Conhecimentos sobre Métodos e Procedimentos Técnicos e Temáticos de Pintura*. Belo Horizonte: APL/EBA UFMG, 2009.

## ANEXOS

### A) Autorização dos pais para liberação de imagens de seus filhos

|   |
|---|
| <p>Senhores Pais e/ou Responsáveis</p> <p>Estou trabalhando com os alunos fabricação de tinta com produtos alimentícios com o intuito de apresentar no estabelecimento educacional no qual estudo. Durante a fabricação realizada tiro fotos para comprovar meu trabalho. Por esse motivo peço autorização para utilizar a imagem de seu(a) filho(a).</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> <b>Sim, autorizo a utilização/exposição de imagem de meu(a) filho(a) sem ônus por parte da escola ou do responsável da instituição.</b></p> <p><input type="checkbox"/> <b>Não, não autorizo a utilização/exposição de imagem de meu filho(a).</b></p> <p style="text-align: right;"><b>Professora Daniele</b></p> |
|---|